

O RENASCIMENTO CULTURAL A PARTIR DA IMPRENSA: O LIVRO E SUA NOVA DIMENSÃO NO CONTEXTO SOCIAL DO SÉCULO XV

CULTURAL RENAISSANCE AFTER THE PRESS: THE BOOK AND ITS NEW RANGE WITHIN THE 15th CENTURY SOCIAL CONTEXT

Gerlaine Marinotte Ribeiro*
Ricardo de Lima Chagas**
Sabrine Lino Pinto***

RIBEIRO, G. M.; CHAGAS, R. L.; PINTO, S. L. O renascimento cultural a partir da imprensa: o livro e sua nova dimensão no contexto social do século XV. *Akrópolis*, Umuarama, v. 15, n. 1 e 2, p. 29-36, jan./jun. 2007.

*Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo; Pós-graduanda em Ciência da Informação: Biblioteca Escolar pelo Centro de Ensino Superior Anísio Teixeira; Bibliotecária da Rede Municipal da Prefeitura de Vitória/ES. Rua Y, nº 20 – Quadra 142 – Novo Horizonte – Serra – ES – Brasil - 29163-303. gerlainemarinotte@yahoo.com.br

**Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo; Pós-graduando em Ciência da Informação: Biblioteca Escolar pelo Centro de Ensino Superior Anísio Teixeira; Estudante do Curso de Formação em Psicanálise Clínica pela Associação Brasileira de Psicanálise Clínica; Bibliotecário do Centro de Ensino Superior Anísio Teixeira. Rua Machado de Assis, 446 – São Diogo II – Serra – ES – Brasil – 29163-104. ricochagas@hotmail.com

***Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo; Pós-graduanda em Ciência da Informação: Biblioteca Escolar pelo Centro de Ensino Superior Anísio Teixeira; Assistente em Administração do Centro Federal de Educação Tecnológica do Espírito Santo – CEFETES. Av. Anísio Fernandes Coelho, 325, apt.º 206 – Jardim da Penha – Vitória – ES – Brasil – 29060-670. sabrinelp@yahoo.com.br

RESUMO: O objetivo deste trabalho é mostrar as transformações culturais ocorridas na Europa do século XV, a partir da invenção da imprensa de Gutenberg, ou seja, o que o novo invento ofereceu em termos de “renascimento” sócio-cultural com o advento do livro impresso. Apresenta, também, a transição da produção dos manuscritos para a cultura dos impressos. Este novo tipo de produção possibilitou uma tiragem maior de exemplares, favorecendo o barateamento do livro e, conseqüentemente, uma maior disseminação da informação. Esta liberdade de acesso favoreceu o advento da ciência em detrimento da fé da Igreja, possibilitando liberdade de pensamento às novas classes sociais que emergem no cenário renascentista europeu no século XV.

PALAVRAS-CHAVE: Renascimento cultural. Manuscritos. Livros impressos. Liberdade de acesso. Liberdade de pensamento. Invenção da imprensa. Johannes Gensfleisch von Gutenberg.

ABSTRACT: The objective of this work is going to show the cultural transformations occurred in the Europe of the century XV, from the invention of the press of Gutenberg, or be, what the news invent offered in we will have of “renaissance” partner-cultural with the advent of the printed book. It presents, also, the transition of the output of the manuscripts for the culture of the printed. This new kind of output enabled a bigger circulation of copy, favoring the reduction in price of the book and, consequently, a bigger dissemination of the information. This liberty of access favored the advent of the science to the detriment of the faith of the Church, enabling liberty of thought to the new social classes that emerge in the European Renaissance setting in the century XV.

KEYWORDS: Cultural renaissance. Manuscripts. printed books. Liberty of access. Liberty of thought. Invention of the press. Johannes Gensfleisch von Gutenberg.

Recebido em março/2007
Aceito em abril/2007

INTRODUÇÃO

Pesquisar a história das civilizações é perceber grandes mutações no âmbito sócio-cultural e político em decorrência das descobertas, avanços tecnológicos e pelo próprio desejo de mudança inerente ao indivíduo enquanto ser. Essas transformações são fundamentais na criação de novos paradigmas. Cada período histórico apresenta fatos importantes que guia o mundo ou define o modo padrão de organização social, que passa a determinar a maneira de pensar, de produzir e de agir dos indivíduos em determinado contexto. A partir disto, criam-se perspectivas e incertezas que só o tempo decorrido possibilitará uma análise precisa como forma de entendimento.

A Idade Moderna surge com grandes transformações político-sócio-culturais contrapondo ao modelo de organização medieval vigente até então. Entre estes fatores importantes pode-se citar a engenhosa invenção da imprensa por Johannes Gensfleisch von Gutenberg. Esta invenção foi fundamental para mudanças significativas na civilização do século XV e causa influência até os dias atuais.

A invenção da tipografia transformou completamente, tanto em rapidez quanto em quantidade, a circulação da informação escrita no seio da sociedade. Essa invenção foi realmente uma das revoluções técnicas mais importantes da história da humanidade (VERGER, 1999).

Com o surgimento dos impressos, os livros tornaram-se mais baratos e portáteis, favorecendo a leitura silenciosa e solitária. Esta orientação para a privacidade integra-se num movimento mais amplo, que seria uma maneira de reivindicação de direitos e liberdades individuais, cujo surgimento a imprensa estimulou e contribuiu para divulgar (BACELAR, 1999).

Segundo McLuhan e Eisenstein, citados por Belo (2002), as mudanças relativas às características da leitura seguiram uma negação da oposição, ocorridas entre uma cultura do manuscrito associada à oralidade, presente na cultura medieval, e uma cultura do impresso, associada à leitura silenciosa, a partir do novo contexto que se configurou com a nova era que surgia.

Porém, Chartier, citado por Belo (2002, p. 29), contradiz tal afirmação, ao mencionar que “[...] a invenção da tipografia não revolucionou a forma do livro, nem o seu conteúdo, nem a maneira de ler. Não podemos dizer que as inovações na técnica de reprodução dos textos produzam, por si só, revoluções na relação com o escrito”.

O barateamento dos livros e a liberdade de acesso aos inscritos e à informação, juntamente com outras revoluções artísticas do Renascimento, contribuíram de maneira considerável para a transição de pensamento teocêntrico passando para um modelo antropocêntrico de pensar. Levando em consideração essa linha de raciocínio, Bacelar (p. 4, 1999) acrescenta que,

Tal como influenciou profundamente a reforma do pensamento religioso e do método científico, as inovações da imprensa desafiaram igualmente o controle institucional. A imprensa estimulou a procura e o credo numa verdade fixa e verificável, assim como abriu caminho aos homens para o livre arbítrio e o direito de escolher individualmente percursos intelectuais e religiosos.

Portanto, este artigo pretende mostrar o que proporcionou a invenção da imprensa em termos de revolução cultural nos primórdios da Europa moderna. Mostrando o sincretismo da cultura manuscrita para uma nova era que surgia, a era da impressão, como um dos símbolos do renascimento cultural. A partir daí, revela, também, como essa liberdade de acesso acarretou profundas mudanças na sociedade europeia do século XV e como essa influência é presente até os dias atuais. Isso mostra que a imprensa não foi apenas uma ferramenta que designa um bem-estar nos modos de produção da informação, mas proporcionou aos indivíduos uma nova maneira de viver e de enxergar o mundo a partir de novas percepções e de novas possibilidades.

A MUDANÇA SOCIAL PROPORCIONADA PELA IMPRENSA

A imprensa foi uma descoberta que marcou a história, não só pelo novo modo de disseminação da informação, mas como uma ferramenta que proporcionou mudanças sociais, políticas e psicológicas. Isso alterou todos os aspectos da cultura europeia do século XV. Como instrumento de mudança, contribuiu consideravelmente para a emergência da ciência, religião, cultura e política. Contribuiu, de certo modo, para o surgimento de um novo modelo que surgia, a era moderna (BACELAR, 1999).

Tida como um dos símbolos do Renascimento, a imprensa de caráter móvel favoreceu o rompimento da estrutura social rígida, que determinava as leis, contribuindo para o surgimento de uma classe média intelectual (BACELAR, 1999).

A tecnologia da impressão desencadeou uma revolução nas comunicações, alargando consideravelmente a circulação da informação, alterando os modos de pensar e as interações sociais.

Pode-se observar mudança significativa nos fins e nos métodos da educação, em decorrência dessa nova tecnologia. A partir do século XV, começou a desgastar-se o ponto de vista de que o fim principal da educação escolar era transmitir informações, de um-para-um, ou de um-para-poucos, num contexto presencial. Com a invenção de Gutenberg tornou-se possível transmitir informações de um-para-milhares/milhões. Houve a disseminação da informação de forma mais democrática, quando o conhecimento deixou de ser de poucos, para abranger uma massa maior. A informação ganhou novas fronteiras e o pensamento alastrou-se por áreas ou regiões a que antes não tinham acesso, mesmo sendo a alfabetização um privilégio de poucos. Houve, nesse sentido, uma quebra do modo de reter o conhecimento, antes limitado a poucos (CHAVES, 2005).

Foi por volta de 1450 que Gutenberg inventou a prensa de tipos móveis. Com esse invento, tornou-se possível imprimir milhares de cópias idênticas de panfletos e livros. Antes do final do século XVI já havia, literalmente, milhões de livros impressos esparramados pelo mundo ocidental. A partir daí, a comunicação escrita, através de cartas, panfletos e livros, tornou-se uma prática social bem estabelecida, mesmo já sendo usada há pelo menos dois mil anos (CHAVES, 2005).

Até o século XV, a civilização era composta predominantemente por analfabetos e, numa estrutura social baseada no pilar da Igreja e da nobreza, o controle social era efetuado pela fé e pelos dogmas. As escrituras eram impostas ao povo sem questionamentos. Com a invenção de Gutenberg, a estrutura social ganha uma nova dimensão e passa a ganhar um novo sentido. A fé foi abalada, e o livro nesse contexto seria a “pedra fundamental” para a democratização não só da informação, mas de todo o modo de pensar dos tempos futuros. De certa forma é impossível pensar a realidade sem pensar na contribuição da imprensa e do livro para o progresso das sociedades (SCHILLING, c.2002a).

Se por um lado a Igreja perde espaço e poder por causa dos novos valores que os impressos viriam a causar, por outro utiliza a invenção como

uma maneira eficaz de vender indulgências. Se antes essa prática era feita com recibos feitos a mão, passou então a imprimir mais de 200 mil. A imprensa provocou indiretamente a Reforma Protestante (SCHILLING, c.2002a).

Para Chaves (2005), o invento de Gutenberg foi fundamental para o surgimento do protestantismo, da ciência experimental e dos estados nacionais, que hoje são partes essenciais do cenário em que vivemos, pelo menos no Ocidente. A invenção foi uma força motriz que dinamizou transformações tão rapidamente e que, sem ela, até poderia haver mudanças paradigmáticas, mas não com a intensidade e rapidez com que ocorreu.

Pode-se dizer que a invenção da imprensa foi metade causa, metade efeito do movimento de transformação pelas quais passava o mundo europeu. No campo das idéias religiosas eclodia a crise que levaria à Reforma protestante. Com relação a isto, pode-se afirmar que a disseminação dos protestos de Lutero, na escala em que ocorreu, só foi possível graças ao engenhoso invento de Gutenberg¹.

Observando as mudanças e os avanços a partir das descobertas e transformações sociais, pode-se apontar que na Idade Média descobriu-se a pólvora, o relógio mecânico, aperfeiçoou-se a navegação a vela, que levaria os europeus a novos mundos. A Itália florescia em pleno Renascimento, irradiando a Europa com um desejo de enriquecimento cultural e civilização mais dinâmica. Só faltava colocar todas essas idéias no papel. Foi o que fez Gutenberg. Com os livros impressos, houve também uma maior disseminação do hábito de leitura e de escrita, aproximando a cultura ao alcance das classes sociais populares. Desde o século XVI a máquina impressora é descrita como sendo literalmente a marca de uma época, mudando não só o modo de viver, mas também os estilos de produção de conhecimento e de leitura².

Como difusor de idéias e de pensamento, o livro impresso foi fundamental para expandir diversos saberes,

Mas não foi só a ciência e a sabedoria que o livro impresso difundiu. Ele abriu-se também aos sentimentos de todos. Homens e mulheres em todas as fases históricas que desde então se sucederam, passaram a ver nele, no livro impresso, o mais extraordinário caminho para expor aos outros suas aventuras, seus sonhos e paixões, fazendo com que a literatura, desde então, deixasse de ser uma arte

¹Extraído da Coluna “Perfil” da Revista Superinteressante. Fonte: Site da Editora UFJF <<http://www.editora.ufjf.br/html/estoria.htm>>. Disponível em: 05 abr. 2006.

²Extraído da Coluna “Perfil” da Revista Superinteressante. Fonte: Site da Editora UFJF <<http://www.editora.ufjf.br/html/estoria.htm>>. Disponível em: 05 abr. 2006

aristocrática e cortesã, para tornar-se um instrumento da universalização da humanidade (SCHILLING, c.2002b).

DO MANUSCRITO AO LIVRO IMPRESSO

Durante um longo período, o livro manuscrito foi ofício exclusivamente monástico, pois eram os monges copistas que faziam as cópias dos manuscritos. Apesar de todo zelo, os erros eram freqüentes durante a produção dos manuscritos. Quando desejavam obter várias cópias, os monges ditavam a vários copistas simultaneamente, o que ocasionava os erros, principalmente em citações gregas.

Segundo Martins (1996), o manuscrito é um texto escrito a mão, independentemente da matéria que o receba, sendo então manuscritas, todas as “inscrições” feitas em papel ou em pedra, marfim, bronze ou mármore. Porém, os manuscritos em pedra ou metais receberam nomes próprios, e o manuscrito ficou então ligado ao papel, papiro ou pergaminho.

Assim como afirma Martins (1996, p. 93), a palavra manuscrito “[...] visa o texto escrito a mão, qualquer que seja o instrumento auxiliar, seja qual for a matéria que o receba”. Na Idade Média, os manuscritos medievais podem ser observados a partir do período dos primeiros conventos, com o trabalho de escrita, pelos copistas, e até a invenção da imprensa.

Segundo Fernandes (2001), uma invenção primordial determina o surgimento da indústria gráfica. Johannes Gensfleisch von Gutenberg que era xilografador e ourives por profissão, desenvolveu uma das muitas formas de tipos móveis para impressão, que tinham a vantagem de serem produzidos em liga metálica (chumbo, antimônio e estanho) que, por este motivo, eram extremamente resistentes. Juntamente com os tipos móveis, Gutenberg inventou a primeira máquina de impressão, o grande incremento ao processo gráfico.

Até esta invenção, as cópias eram obtidas segundo Fernandes (2001, p. 139):

[...] após ser feita a matriz para reprodução da imagem, as cópias eram produzidas artesanalmente. Primeiramente era feita a entintagem da superfície de impressão, para posterior sobreposição do papel ou do pergaminho à superfície entintada; sobre estes dois eram superpostos um tecido grosso e uma manta de napa de couro bem leve, e então, através de fricção feita por um instrumento de madeira com a ponta plana e reta, a cópia do texto era obtida.

Vários cuidados deveriam ser tomados durante esse processo, para que não rasgasse o papel, além da freqüente feitura de cópias falhadas que eram produzidas. A cada nova cópia todo o processo deveria ser recomeçado. Neste tipo de produção, a velocidade na obtenção de volumes acabados é bem superior a dos obtidos através de manuscritos, no entanto, é inferior ao processo mecanizado de Gutenberg.

Todos esses problemas foram resolvidos com a invenção de Gutenberg que, ao adaptar uma prensa para esmagamento de uvas e feitura de vinho, ele desenvolveu o primeiro modelo de impressora tipográfica,

A prensa teve o platô de esmagamento elevado até que pudesse ser sobreposto em uma mesa; nesta mesa foi adaptado um trilho no qual corre o cofre (superfície na qual se coloca a matriz tipográfica resistente ao desmanche); este podia ser impulsionado até sob o platô de esmagamento e, uma vez que este platô fosse levantado, o cofre podia ser trazido de volta à posição original. A matriz era composta manualmente, com a colocação correta de cada tipo na seqüência exata até a formação da linha; cada linha era então posta em posição para a formação da página e então todas eram amarradas, entintadas com o auxílio de uma “boneca” (instrumento formado por um cabo no final do qual se fixa uma almofada de formato circular de couro e recheada de paina ou outro tipo de fibra), sobre estas se colocava o papel, sobre ele a “guarda” de tecido acolchoado e madeira (uma placa composta por uma camada de cada material e, na qual, a face de tecido acolchoado era colocada sobre o papel, ela se destinava a duas funções: distribuir por igual a pressão feita sobre o papel no momento da impressão, e evitar que os tipos marcassem em demasia o papel). Todo este conjunto era empurrado para sob o platô de esmagamento que era, então, acionado manualmente e descia até bater sobre a “guarda” de madeira, forçando a transferência da imagem entintada da matriz para o papel (FERNANDES, 2001, p. 139-140).

Todo este processo pode parecer precário, cansativo e lento para os dias atuais, contudo, para a época, foi um avanço, em termos de produtividade e qualidade. Os primeiros livros impressos, chamados de incunábulos, rapidamente ganharam popularidade e mercado, devido à agilização do processo produtivo e conseqüente barateamento do livro que, finalmente,

passou a ter a possibilidade de ser popularizado (FERNANDES, 2001).

O mais conhecido, e um dos primeiros e mais belos incunábulos, é a Bíblia de Gutenberg, a *B-42*, livro que inaugura oficialmente a fundação da imprensa no Ocidente. Cada página é formada de duas colunas, contendo 42 linhas (daí ser conhecida pela abreviatura de *B-42*), impressas em gótico, no *fraktur*, a letra negra que se usava nos grandes manuscritos de luxo, contendo 1.282 páginas tecnicamente perfeitas. Saiu sem data nem local ou nome dos impressores. Os editores do século XV, com raras exceções, como ainda hoje, publicavam o que os leitores queriam. A Bíblia foi o livro mais editado no período dos incunábulos (CAMPOS, [199?]).

Conhecem-se cerca de 30 mil incunábulos, correspondentes a 13 mil diferentes títulos. Considerando-se o muito que se perdeu, acredita-se que tenham circulado 20 milhões de volumes, mais de um terço sem datação, sem local em que foi impresso e nem nome do impressor.

O livro impresso procurou instintivamente “continuar” o livro manuscrito, ao invés de substituí-lo, tanto por parte da imprensa como em partes do próprio texto. Porém, o livro impresso vinha para satisfazer, melhor que o manuscrito, às suas finalidades. Como afirma Martins (1996, p. 175)

[...] que o próprio livro pôde, em pouco tempo, corresponder aos desejos de diferenciação social antes satisfeito pelo manuscrito: melhorando a sua qualidade, o volume impresso veio a constituir, tal como o manuscrito, um objeto de beleza, completado pela perfeição técnica.

Com o surgimento da imprensa desenvolveu-se a técnica da tipografia, da qual dependia a confiabilidade do texto e a capacidade do mesmo para atingir um grande público. Com a tipografia verificou-se o aumento de adeptos ao livro impresso, e o declínio da arte do copista, do miniaturista. De acordo com Belo (2002, p. 40) “[...] a verdade é que nenhuma inovação ligada ao livro marcou tão fortemente a cultura letrada da época contemporânea como a invenção da tipografia”.

No entanto, Chartier afirma que, antes da tipografia, o livro era escrito e copiado a mão. Este era normalmente menos portátil do que os livros atuais, mas já era um códice, isto é, um conjunto de cadernos costurados uns aos outros e encadernados. Ele acrescenta ainda que o que permaneceu no livro depois do invento de Gutenberg foi mais importante do que o que mudou. Essas mudanças foram,

portanto, os sinais que facilitam a orientação do leitor no interior do texto. A imprensa, para ele, não criou um objeto novo e não obrigou a novos gestos da parte do leitor, ao contrário do que aconteceu com o surgimento do códice (BELO, 2002).

A aparição da tipografia não terminou de uma vez com as atividades dos copistas de manuscritos, pois os incunábulos mal se distinguiam, aos nossos olhos, dos manuscritos. Continuou-se a transcrever livros manuscritos até o início do século XVI. E, de qualquer maneira, os manuscritos mais antigos continuavam a ser utilizados e a circular.

Portanto, Bacelar (1999) discorre que as rápidas mudanças culturais que se faziam sentir na Europa, desde o início do século XV, estimularam uma crescente procura e produção de documentos escritos mais baratos. Os livros mais baratos e portáteis levaram à leitura silenciosa e solitária. O surgimento da imprensa estimulou a procura pela privacidade, contribuindo para a divulgação da reivindicação de direitos e liberdades individuais.

Permitindo a disseminação de idéias e conhecimentos com rapidez e facilidade, a invenção de Gutenberg semeou uma revolução cultural. O entusiasmo com o livro impresso é tão grande que as novas edições estão cada vez mais modernas, perdendo a aparência de manuscrito que mantinham originalmente, conquistando cada vez mais consumidores para o livro impresso.

LIBERDADE DE ACESSO E DE PENSAMENTO

“A invenção da imprensa é o maior acontecimento da história. É a revolução mãe... é o pensamento humano que larga uma forma e veste outra... é a completa e definitiva mudança de pele dessa serpente diabólica, que, desde Adão, representa a inteligência”.

Victor Hugo, Nossa Senhora de Paris, 1831.

Apontando o dedo para o imponente edifício da Igreja de Notre Dame de Paris, o arcediogo dom Cláudio Frollo, da janela do seu claustro, com a mão sobre um livro, disse ao doutor Jean Coictier, médico de Luis XI: *Ceci tuera cela*, “isto há de matar aquilo” - o livro acabará com a igreja! Com essas palavras, mesmo sendo um homem de cultura, dom Cláudio lamentava, com aquele gesto, o princípio do fim do seu mundo, que era habitado por padres e freiras organizados em ordens santas espalhadas por quase toda a Europa através de catedrais, igrejas, capelas, mosteiros, conventos e os mais diversos tipos de retiro. Sustentada pelos dízimos e pela fé das gentes, depois de um império de mais de mil anos,

esse ambiente predominantemente religioso estava com seus dias contados e tudo por causa daquele invento (SCHILLING, c.2002a).

A imprensa moderna criada por Johannes Gutenberg, ao redor de 1450, nunca foi um invento pacífico. A nova arte de imprimir livros provocou temores de toda ordem, pois, para muitos, o livro saído de um prelo, e não da tinta de um monge escriba, tornou-se uma força subversiva, capaz de abalar a fé e de reduzir a autoridade da igreja.

Segundo Burke (2002), a imprensa de tipos móveis é vista de forma tradicional como a solução de um problema: o de garantir o suprimento de textos para atender um crescente número de leitores, representados por homens e mulheres alfabetizados, em fins da Idade Média. Em virtude disso, os eclesiásticos temiam que leigos comuns fossem estimulados pela imprensa a estudar textos religiosos por conta própria em vez de acatar os ensinamentos de autoridades. E isso de fato ocorreu como, por exemplo, na Itália, no século XVI: sapateiros, tintureiros, pedreiros e donas-de-casa, todos reivindicavam o direito de interpretar as escrituras. Foi até criado, depois do Concílio de Trento, o Índice Católico dos Livros Proibidos, como uma tentativa de lidar com esse problema. Já no século XVII em diante, a publicação de livros baratos como Fortunatus e Ulspegel revela que as pessoas comuns não se restringiam mais à leitura da Bíblia, como desejaria o clero.

A realidade no contexto do século XV nos revela uma situação que parece inimaginável: livros acorrentados, escritos à mão e sob o domínio da Igreja. Mas, com o advento da imprensa, o século XV passou por transformações que trouxeram como consequência uma liberdade maior de acesso à informação e de pensamento. Com o aumento da informação trazida com a invenção de Gutenberg, o povo transformou o conhecimento num instrumento para sua emancipação do jugo feudal. O livro impresso veio acompanhado pelo desejo da instrução e da liberdade de pensamento e da palavra. Ele mostrou-se capaz de sobreviver às tiranias, aos dogmatismos e às ortodoxias, vencendo a perseguição e a censura e expandiu-se mais e mais no decorrer dos séculos. Além da difusão da ciência e da sabedoria, o livro impresso abriu-se também aos sentimentos do homem, que o usou como um caminho para expor aos outros suas aventuras, sonhos e paixões, tornando a literatura um instrumento da universalização do ser humano (SCHILLING, c.2002b).

Pontes ([200?]) afirma que a invenção de Gutenberg não assegurou que todos, sem exceção, tivessem o alcance à leitura. Por outro lado, mesmo

que o acesso fosse apenas da classe média e seus agregados, pessoas que não pertenciam à elite eclesiástica tinham à sua disposição, pela primeira vez, uma grande diversidade de assuntos retratados em livros: religiosos, científicos, clássicos gregos e romanos, relatórios de viagens e outros impressos. Surgiram também diversos panfletos, editoriais e outros papéis impressos que abalaram as bases da religião, da política, da ciência e da literatura da época e que contribuíram, de forma decisiva, para o surgimento de novos e inesperados saberes que promoveram, conseqüentemente, mudanças decisivas no cotidiano.

A liberdade de acesso teve como um dos principais fatores o aumento da dimensão média das bibliotecas. Conforme Verger (1999), por meio de um exame dos manuscritos subsistentes, até o final do século XV, pôde-se reconstituir um número bastante grande de bibliotecas privadas do final da Idade Média. Esses estudos mostraram que, na França, até o final do século XV, os homens de saber eram praticamente os únicos a possuírem bibliotecas de alguma importância. Os livros eram praticamente ausentes, com a presença de algum fragmento de crônica, um livro de horas ou de uma vida de santo, os quais não podiam ser caracterizados como bibliotecas.

De acordo com Verger (1999), o conjunto dos homens de saber no exercício cotidiano de suas atividades profissionais ou administrativas, antes de tudo, contavam com os recursos de sua pequena livraria pessoal e de sua memória, auxiliada por pequenos cadernos e anotações pessoais compostos desde o tempo de seus estudos. Era apenas a título excepcional e para consultar alguma obra rara em sua versão original, que eles buscavam auxílio em uma biblioteca universitária, eclesiástica ou principesca. É compreensível o sucesso que sempre desfrutaram na Idade Média os florilégios, repertórios, dicionários, enciclopédias e todo gênero que permitisse restringir, em alguma medida, o acesso aos livros.

Os textos impressos do século XV foram, em sua grande maioria, os textos “medievais” cujo mercado parecia assegurado. Mas não eram os preferidos das bibliotecas eruditas. Eram encontrados, principalmente, livros religiosos, constituídos de Bíblias, livros litúrgicos (missais, breviários, livros de horas), tratados de espiritualidade, livros de devoção, vidas de santos, etc., tanto em latim como em língua vulgar. Outra categoria encontrada era a gramática, composta de obras elementares (o *Donato*, o *Doctrinale* de Alexandre de Ville-Dieu, os *Dísticos* de Catão, etc.), dirigidas aos alunos das escolas primárias e da faculdade de artes, que contribuíram

para a melhoria dos ensinamentos de base e não para a renovação cultural das elites. E, finalmente, havia a literatura profana, geralmente em língua vernácula, composta de enciclopédias e florilégios, crônicas, versões um pouco modernizadas das canções de gesta ou dos romances cortesões, que visavam um público aristocrático, cujo interesse era por obras mais populares, do gênero dos almanaques e outros “calendários dos pastores” (Verger, 1999).

Verger (1999) ainda cita que, desde a sua existência, a imprensa alargou de forma considerável o público da cultura escrita. Tornou-se possível que oficiais subalternos (sargentos, notários, etc.) e simples vigários constituíssem para si próprios uma pequena biblioteca, mesmo com apenas uma dezena de volumes. Entre os anos de 1480 e 1530, essas “bibliotecas mínimas”, conforme expressão criada por Pierre Aquilon, multiplicaram-se por toda parte. Observou-se também, um efetivo progresso cultural nos meios aristocráticos, com a constituição de belas bibliotecas, principalmente literárias e vernáculas.

O escritor italiano, Antonfrancesco Doni, em 1550, demonstra, com a sua queixa de que existiam “tantos livros que não temos tempo para sequer ler os títulos”, a realidade de que, se na alta Idade Média o problema fora a escassez de livros, no século XVI o problema era o da superfluidade (Burke, 2002).

Discorrendo sobre o grande aumento na produção de livros, Bacelar (1999, p. 3) comenta que:

A produção e distribuição de uma variedade explosiva de textos tornou-se rapidamente impossível de conter. Cópias impressas das teses de Lutero foram rapidamente divulgadas e distribuídas, desencadeando as discussões que viriam a iniciar a oposição à idéia do papel da Igreja como único guardião da verdade espiritual [...]. A revolução científica que viria a questionar as verdades à guarda da Igreja foi igualmente uma consequência direta da tecnologia da impressão. O princípio científico da repetibilidade, garantido pela verificação imparcial de resultados experimentais, estabeleceu-se como paradigma, graças à rápida e ampla disseminação, pela imprensa, de reflexões e descobertas científicas.

Com o acesso gradual a um volume maior de livros, o corpo de conhecimentos expandiu-se, surgindo, assim, índices e sistemas de referência cruzada. Esses mecanismos, além de possibilitarem a realização da gestão da informação disponível, também facilitavam a associação criativa de idéias

e assuntos aparentemente distantes e sem qualquer relação (BACELAR, 1999).

Segundo Burke (2002), alguns contemporâneos, ao contrário de uma ordem de livros, o que perceberam era uma “desordem de livros” que precisava ser controlada. Este problema de uma explosão informacional ocorrida com a invenção da prensa de tipos móveis, lá no século XV, é um problema enfrentado atualmente, nos primórdios da mídia eletrônica.

Mas apesar disto, observando ao longo da trajetória do livro e das práticas de leitura e escrita, a tecnologia desempenhou um papel fundamental. Pontes ([200?]) mostra ainda que durante todo o processo de evolução do suporte, desde as primitivas inscrições rupestres, passando pelas tábuas de argila, papiro, pergaminho, papel, livro, computador, Cd rom, até o surgimento da Internet e do *e-book*, a utilização da tecnologia foi e ainda hoje é dominante, tanto por contribuir com a descoberta de novas formas de codificação ou por possibilitar o surgimento de novas ferramentas apropriadas com as necessidades do homem. Graças à tecnologia, nunca se teve tanto acesso ao texto escrito como agora.

CONCLUSÃO

Diante do exposto, com este estudo pode-se afirmar que o século XV passou por mudanças sociais que levaram a um renascimento cultural e tecnológico nunca antes observado na história. Conforme explanado, graças ao invento de Gutenberg, que ocasionou tanto o barateamento do livro como uma maior produção de documentos, a humanidade passou a ter um maior acesso e uma maior liberdade de leitura. Comparando esses fatos com os dias atuais, percebem-se grandes semelhanças no que diz respeito ao grande volume de informação que é disponibilizada hoje, principalmente nos meios eletrônicos. Neste novo contexto da Sociedade da Informação, tornou-se necessário desenvolver estratégias e profissionais competentes capazes de selecionar, organizar e recuperar informações pertinentes aos leitores, sejam eles virtuais ou não.

REFERÊNCIAS

BACELAR, J. **Apontamentos sobre a história e desenvolvimento da imprensa**. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, Lisboa, 1999. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bacelar_apontamentos.pdf>. Acesso em: 13 maio 2006.

BELO, A. **História & livro e leitura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

BURKE, P. Problemas causados por Gutenberg: a explosão da informação nos primórdios da Europa moderna. **Estudos Avançados**, v.16, n. 44, p.173-185, jan./abr. 2002.

CAMPOS, A. **O livro de papel**. [199?]. Disponível em: <<http://www.escriitoriodolivro.org.br/historias/arnaldo.html>>. Acesso em: 26 abr. 2006.

CHAVES, E. O. C. **O desafio da tecnologia na educação**. 2005. Disponível em: <http://www.escola2000.org.br/pesquisa/texto/textos_art.aspx?id=77>. Acesso em: 05 maio 2006.

FERNANDES, A. Notas sobre a evolução gráfica do livro. **Comum**. Rio de Janeiro, v. 6, n. 17, p. 126-148, jul./dez. 2001. Disponível em: <<http://www.facha.edu.br/publicacoes/comum/comum17/pdf/notas.pdf>>. Acesso em: 22 maio 2006.

MARTINS, W. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996.

PONTES, A. **Algumas reflexões sobre livros e tecnologia**. [200?]. Disponível em: <http://www.aomestre.com.br/cil/arquivo/v06_0301.htm>. Acesso em: 18 maio 2006.

SCHILLING, V. **O prelo luminoso de Gutenberg**. c.2002a. Disponível em: <<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/cultura/gutenberg2.htm>>. Acesso em: 18 maio 2006.

_____. **O livro**: instrumento do homem. 2002. Disponível em: <<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/artigos/livro.htm>>. Acesso em: 18 maio 2006.

VERGER, J. Os livros na idade média. **Homens e saber na Idade Média**. Bauru: Edusc, 1999. cap 3. Disponível em: <<http://www.escriitoriodolivro.org.br/historias/idademedias.html>>. Acesso em: 26 abr. 2006.

EL RENACIMIENTO CULTURAL A PARTIR DE LA IMPRENTA: EL LIBRO Y SU NUEVA DIMENSIÓN EN EL CONTEXTO SOCIAL DEL SIGLO XV

RESUMEN: El objetivo de este trabajo es mostrar las transformaciones culturales ocurridas en la Europa del siglo XV, a partir de la invención de la imprenta de Gutenberg, o sea, lo que el nuevo invento ofreció en términos de "renacimiento" sociocultural con el advenimiento del libro impreso. Presenta, también, la transición de la producción de manuscritos para la cultura de los impresos. Éste nuevo tipo de producción posibilitó un tiraje mayor de ejemplares, favoreciendo la disminución del precio del libro y, consecuentemente, una mayor difusión de la información. Esta libertad de acceso favoreció el advenimiento de la ciencia en detrimento de la fe de la iglesia, posibilitando libertad de pensamiento a las nuevas clases sociales que emergen en el escenario renacentista europeo en el siglo XV.

PALABRAS-CLAVE: Renacimiento cultural. Manuscritos. Libros impresos. Libertad de acceso. Libertad de pensamiento. Invención de la imprenta. Johannes Gensfleisch Von Gutenberg.